7 Últimas reflexões

Falas de Civilização

*“Falas de civilização, e de não dever ser,
Ou de não dever ser assim.
Dizes que todos sofrem, ou a maioria de todos,
Com as cousas humanas postas desta maneira.
Dizes que se fossem diferentes, sofreriam menos.
Dizes que se fossem como tu queres, seria melhor.
Escuto sem te ouvir.
Para que te quereria eu ouvir?
Ouvindo-te nada ficaria sabendo.
Se as cousas fossem diferentes, seriam diferentes: eis tudo.
Se as cousas fossem como tu queres, seriam só como tu queres.
Ai de ti e de todos que levam a vida
A querer inventar a máquina de fazer felicidade!”*

Fernando Pessoa por Alberto Caieiro

Concluo esse trabalho retomando o caminho percorrido em sua construção. Percebi, logo na fase das primeiras análises, em que iniciava o esforço epistêmico da escrita, que me deparava com duas abordagens importantes, que se alimentavam mutuamente, e das quais não poderia abrir mão por conta de comprometer a consecução dos objetivos traçados anteriormente. Uma delas consistiu no fulcro principal da pesquisa: as práticas de leitura e escrita nos diversos suportes hoje existentes. Todavia, essas práticas são concretas, sociais e históricas, já que ocorrem em um lugar e em um tempo determinados. Dar a conhecer o lugar e o tempo em que essas práticas ocorreram impuseram-se como fatores importantes associados às questões propostas nesta investigação e constituíram a segunda abordagem.

Nesse sentido, a escola e o mundo contemporâneo apresentaram-se como elementos indispensáveis na elucidação das questões que nortearam o trabalho de pesquisa. Eles, além de servirem como pano de fundo onde as ações e interlocuções aconteceram, apontaram para questionamentos decisivos na trajetória de análise dos dados coletados e nas reflexões que se seguiram.

A escola surgiu de duas formas, primeiramente em reflexão abrangente, com seus desafios e demandas historicamente apresentados, em que foi reconhecida como local privilegiado de análise, como objeto científico estudado

de várias formas por diversos autores. Essas questões, trazidas pelos teóricos que nela tiveram voltado seu olhar, contribuíram para que as análises das práticas escolares estivessem fundamentadas. Foi importante perceber que os principais desafios e enfrentamentos da escola contemporânea, e que já vinham sendo revelados há anos, surgiram também nas falas dos entrevistados, principalmente os alunos. Essas questões estiveram presentes em todo o percurso do trabalho, apontando para perplexidades e insatisfações para com a escola brasileira e essa escola em particular, indicando caminhos, como a necessidade de sua reinvenção.

Contudo, um estudo etnográfico exigia a descrição do lócus escolhido onde as práticas de fato ocorreram. Daí a pesquisa ter se dado em uma determinada escola, opção feita por a mesma apresentar as características necessárias à consecução dos principais objetivos. Essa escola é reconhecida pela mídia, dentre as demais escolas de prestígio da cidade, como a que mais tem investido em tecnologia nas últimas décadas, e esse foi um fator decisivo na escolha, já que a diversidade de recursos e ferramentas disponíveis, não só favoreceu, mas fortaleceu as conclusões posteriores. Retratar seu cotidiano, mensurar sua estrutura, delinear sua identidade, apresentá-la através dos seus documentos e, principalmente, através de seus sujeitos, pareceu-me imprescindível antes de descrever e analisar as práticas que aí se davam.

Dessa forma, compreender a contemporaneidade, a escola e suas questões, perceber essa escola particular e, nela, as práticas concretas, de leitura e de escrita em seus diversos suportes, constituíram a linha de análise nesse trabalho de pesquisa.

A partir, então, da trajetória de coleta, de estudo teórico e de análise, cheguei a conclusões que constituem a tese que defendo e justifico. De acordo com o objetivo principal de desvendar os significados que emergiram das práticas e das representações presentes nas relações e nos diversos usos dos suportes existentes nessa escola, além da importância a eles atribuída que se revelaram nos momentos de observação e nos discursos, destaco as principais conclusões a que cheguei neste trabalho.

Primeiramente, percebo a importância da descrição de uma escola específica em que suas características identitárias foram decisivas para o encaminhamento das análises, tais como, a marca de excelência presente em seus documentos e no discurso de seus sujeitos; a tradição presente em sua arquitetura

e no reconhecimento interno e externo, além de e, principalmente o reconhecido investimento em tecnologia. Esses aspectos ajudaram a compor a imagem dessa escola em que o tradicional e o contemporâneo convivem e procuram dialogar e essa convivência – tradição e inovação – se dá de forma natural, sem conflitos ou constrangimentos, segundo dados coletados. As reflexões trazidas pelos atores escolares em questão, professores e alunos, ajudaram a compor esse cenário escolar e aprofundaram as questões que desafiam a educação nos dias atuais.

Como consequência dos aspectos identitários que compõem a cultura dessa instituição, vê-se a predominância do uso do impresso, ou de materiais mistos – impresso e manuscrito no mesmo suporte – nas comunicações interna e externa, a despeito do significativo aparato tecnológico existente. Contudo, o que se apresenta como incoerente ou antagônico, é tido como usual e aceito por todos que aí trabalham, já que o impresso e o manuscrito são tidos como mais confiáveis, no que tange à possibilidade de perda ou corrupção do escrito, passível de ocorrer no meio eletrônico, de acordo com as entrevistas realizadas.

Nessa linha de análise, o uso majoritário de materiais impressos também aparece nas aulas, objetos híbridos, recortes e montagens oriundos de obras diversas, produzidos pelos professores. Esses materiais, comumente encontrados em diversas instituições educativas, existem para atender a uma demanda didática em obediência aos programas e aos tempos escolares. Os alunos e os professores entendem a necessidade do uso desses objetos e a justificam pela existência de uma estrutura escolar que exige ser posta em questão, através de debates sobre a organização curricular, os tempos e os espaços escolares, envolvendo todos esses atores.

Quanto às aulas, os dados empíricos revelaram a importância atribuída à comumente chamada aula “tradicional”, categoria que emergiu das falas dos entrevistados referindo-se à utilização do quadro de giz ou pilot, alguns mapas e, principalmente, a presença, a voz do professor. A relação estabelecida entre ele e seus alunos mostrou-se de extrema importância para todos os entrevistados, não somente quanto à convivência e à afetividade desenvolvidas nessa relação, mas também quanto à aprendizagem dos alunos, independente do recurso ou instrumental utilizado nas aulas.

No que tange às práticas de leitura e escrita de professores e alunos, não foram percebidas grandes dicotomias, oposições ou antagonismos quanto a essas práticas em seus diversos suportes. Professores e alunos valorizam a leitura no impresso, especificamente, o livro, escrevem quando estudam, imprimem o que vão ler, utilizam os meios eletrônicos para comunicação entre amigos, para lazer e pesquisas ocasionais. Apesar de os jovens transitarem por esses meios digitais com mais frequência e naturalidade, a importância a eles atribuída não é maior que a de seus professores. O entretenimento revelou-se como o uso preferido dos jovens, tais como, jogar, baixar música, ver vídeo no *Youtube* "de farra, brincadeira", segundo eles, trocar fotos e mensagens com os amigos. Já os professores disseram priorizar a troca por *e-mails* e pesquisar tópicos de estudo ou para as aulas. Esse fato, como já demonstrado anteriormente, pode estar associado a vários fatores presentes no ambiente escolar dessa instituição, como a quantidade e legitimidade do impresso na comunicação interna cotidiana, o peso da tradição vinculado à valorização de práticas mais conservadoras, ou os condicionamentos advindos de sua história e da imagem de excelência que defende.

Contudo, apesar dessas motivações, essas práticas se revelaram similares para alunos e professores e é a partir dessas falas que proponho essa tese, já que a Antropologia Social leva a sério o que dizem os 'nativos', toma como elemento de análise o ponto de vista do 'outro', em seus termos.

Também no que tange à importância que as novas tecnologias têm nas vidas desses estudantes e desses professores, verificou-se a presença de um discurso análogo. Discorreram sobre sua relevância e riqueza, disseram perceber a gama imensa de possibilidades apresentadas por elas, mas afirmaram serem as mesmas complementares em suas vidas, não essenciais. Contribuem muito para o exercício de suas atuações como discentes e docentes, contudo as vêem como recursos, suportes, ferramentas que devem ocupar esse lugar no espaço escolar.

Nessa perspectiva, reitero a importância, já apontada anteriormente, disse respeito à grande importância dada à comunicação presencial, à conversa sem mediações, em que as trocas são imediatas e percebidas através de outras interações em que todo o corpo fala. Cristal (2005) nos revela o diferencial de uma conversa da seguinte forma:

“Quando alguém fala comigo, não fico imóvel e silencioso: meu rosto e minha voz proporcionam um comentário contínuo sobre o que está sendo dito. Movimentos com a cabeça e sorrisos ocorrem juntamente com uma variedade ampla de vocalizações, com ahã, claro, ah. Essas mensagens do nosso interlocutor nos dizem como estamos nos saindo, e reagimos a elas instintiva e imediatamente.” (ibid, p:80-81)

É essa conversa, essa relação interpessoal que alunos e professores valorizam e que temem perder com o predomínio das novas tecnologias no espaço escolar.

Impõe-se, a partir dessas conclusões, um olhar relativizador para as questões postas quanto às práticas leitoras e escritoras no universo escolar nos dias atuais assim como aos usos dos recursos midiáticos aí disponibilizados. Também houve, da minha parte, o esforço por uma postura isenta quanto ao valor atribuído a essas práticas e aos próprios usos das novas tecnologias no espaço escolar, sem resistência ou subserviência. Defendo uma postura em que equilíbrio e bom senso sejam predominantes, nem a fobia, nem a euforia tecnológica.

Concordo com o estudioso francês Roger Chartier, com quem procurei dialogar em todo o percurso dessa pesquisa a respeito das práticas e representações de leitura e escrita em seus diversos suportes: manuscrito, impresso e digital, assim como sobre a coexistência dessas diversas materialidades. A partir da teoria por ele apresentada e dos dados coletados, percebo convergências, convivências desses diversos suportes nos dias de hoje, principalmente na escola. Acredito na importância dos significados que esses suportes carregam e que interferem no sentido de sua apropriação pelos leitores. São os gestos encarnados nos atos de leitura e escrita, que indicam seu valor e seu significado, que necessitam ser valorizados.

É nessa perspectiva que acredito e defendo a tese da existência de suportes múltiplos no universo escolar, já que cada um permite desenvolver competências e habilidades específicas. Acredito também, e principalmente, na necessidade de relativizarmos os discursos hoje existentes de antagonismos e eliminações. Tomando como minhas as palavras de Zuenir Ventura contidas na reportagem que antecedeu esse relato, *“vamos relativizar o pânico”*, assim como nos defender de reificações e generalizações, principalmente no que tange a essas práticas.

Finalizo essas reflexões propondo desafios para pesquisas futuras que considero altamente relevantes no que dizem respeito às reinvenções escolares possíveis. Aponto para a necessidade de novas pesquisas no espaço escolar no que tange às novas tecnologias, especificamente à comunicação via internet. Freitas (2001), em artigo intitulado “*Escrita teclada: uma nova forma de escrever?*” nos instiga a novas investigações quanto à acelerada expansão e difusão da internet. Segundo ela, “*Suas possibilidades e implicações sobre as novas formas de leitura e escrita que proporciona, precisam ser conhecidas, estudadas e compreendidas por aqueles que trabalham com a educação*” (ibid, p:02).

Ratifico essa necessidade urgente de novos estudos nesse campo de pesquisa, já que medidas estão sendo tomadas por governos e grandes corporações no que diz respeito à introdução dessas ferramentas no espaço escolar. Verifico que essas mudanças não têm sido acompanhadas de discussão que leve em conta a opinião daqueles que estão no centro do processo, professores e alunos. Mais uma vez decisões sobre e na escola são tomadas à revelia de seus principais atores. Refiro-me, principalmente, ao Projeto piloto do governo brasileiro, o programa “Um computador por aluno” ou UCA, recriação do americano “One Computer per Child” ou OLPC, que pretende, segundo os seguintes sites <http://www1.folha.uol.com.br/folha/informatica/ult124u21471.shtml>, <http://www.rnp.br/pd/ruca.html> e <http://www.softwarelivre.org/newa/6858>²¹, esse último da revista on-line Valor Econômico, “*levar equipamentos portáteis para estudantes e professores de ensino básico da rede pública*” com o objetivo de “*avaliar a funcionalidade pedagógica da máquina em sala de aula*”. Esse programa foi projetado por acadêmicos do Laboratório de Mídia do Massachusetts Institute of Technology (MIT) “*com objetivo de promover educação moderna a baixo custo em locais remotos*”, como Brasil, Nigéria, Tailândia, dentre outros. No Brasil, vários estados participarão do projeto, tais como, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, São Paulo, Paraíba e Tocantins. No último site mencionado, um trecho me chamou a atenção: “*Apesar do entusiasmo, os projetos ainda têm muitos desafios a superar. As telas de cristal líquido usadas em alguns equipamentos ainda são caras e há dúvidas sobre quem vai assumir o*

²¹ Os sites citados acima foram acessados em 27 de novembro de 2008.

custo de manutenção. A maior preocupação, no entanto, é a falta de crédito ao consumidor”.

Tenho outras preocupações e acredito termos outros desafios a superar. Não desconsidero a importância de levar a inclusão digital a todas as crianças e jovens brasileiros, reconheço sua importância e necessidade. Contudo, sinto falta de um viés pedagógico mais amplo na implementação desse projeto e me pergunto o que estaria por detrás dessa proposta. Minha preocupação aumenta quando vejo iniciativas de escolas de educação básica, públicas e privadas, que fecham ou minimizam o investimento em suas bibliotecas e passam a investir unicamente nos suportes digitais. É a opção oposta, a visão de haver uma a despeito da outra e não a existência concomitante que me preocupa, quando vemos que estudos mais profundos ainda são necessários sobre o uso dessas ferramentas no universo escolar.